

GILLES DELEUZE

MICHEL FOUCAULT: AS FORMAÇÕES HISTÓRICAS

Tradução e notas de Claudio V. F. Medeiros e Mario Antunes Marino

São Paulo | dezembro de 2017



+



© 2018 editora politeia e n-1 edições
isbn 978-85-94444-01-1

GILLES DELEUZE ministrou dois cursos dedicados ao pensamento de Michel Foucault na Universidade de Paris. O primeiro entre os dias 22 de outubro e 17 de dezembro de 1985 e o segundo de 7 de janeiro a 27 de maio de 1986. Sua voz foi gravada. As transcrições das fitas, realizadas pela Association Siècle Deleuzien, encontram-se disponíveis no portal da Universidade Paris 8. O texto a seguir é a tradução da transcrição da terceira das 8 aulas que compõem o curso de 1985, chamado *As formações históricas*

Aula de 17 de dezembro de 1985

Então vocês veem que o problema coincide com o fim do semestre. Após essa espécie de quadro que fizemos do saber segundo Foucault, fomos de fato empurrados involuntariamente na direção de um segundo domínio: o poder. Quero dizer: tenho a sensação de que aconteceu assim para Foucault, que ele realmente começou pela epistemologia, buscando constituir uma doutrina do saber, e foi essa doutrina do saber que literalmente o levou à descoberta de um novo domínio, que viria a ser o poder. Já na lição passada, o que buscávamos era a forma da transição do saber ao poder, e procedemos por meio de uma série de observações o mais concretas possível.

Proponho estudar hoje, mais detalhadamente, um texto misterioso de *A arqueologia do saber*. Percebam, ficamos sempre muito embaraçados quando tentamos dar um exemplo de um enunciado. Pelo menos agora sabemos por que estávamos embaraçados. É porque é muito muito difícil dar um exemplo de enunciado. Os enunciados distinguem-se das palavras, das frases e das proposições mas, ao mesmo tempo, elas lhes são completamente imanentes. Não é possível dar um exemplo que não passe por aquilo que o enunciado não é, a saber, palavras, frases e proposições. É por isso que toda vez que me pedirem um exemplo de enunciado eu responderei apenas com uma frase ou uma proposição, e só poderei explicar em quê o enunciado difere da própria frase. Como ele não existe fora da frase, é muito difícil dar um exemplo.

É por isso que se alguém persistisse, Foucault responderia, como já o fez: A Z E R T, azert. Então algo nos vem à mente. Diríamos: ah, é verdade, os estoicos por exemplo tinham uma palavra secreta, *blituri*, era a grande palavra mágica. “Blituri” para os estoicos designava a palavra que não tinha sentido. Pois bem, “azert” é o enunciado secreto A Z E R T?

Vejamos então as páginas 93-98 de *A arqueologia do saber*. Eu lhes pedi para lê-las, é preciso segui-la de muito perto. Na página 93 encontramos uma primeira observação de Foucault. Trata-se de mostrar que um enunciado não implica necessariamente uma gramática ou uma sintaxe. E, para demonstrá-lo, ele diz que uma equação é um enunciado. E acrescenta: uma curva é um enunciado. Um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, uma nuvem de dispersão formam

enunciados. Temos vontade de dizer o inverso. Eu tenho, em todo caso. E sob quais condições isso é legítimo, todo enunciado é uma curva? Seria importante sabê-lo, pois seria uma maneira de insistir na irreduzibilidade do enunciado à frase. Talvez a curva-enunciado implicasse uma frase, mas não seria a própria frase, mas a curva da frase. Mas o que é a curva de uma frase?

Bem, deixemos para lá. Nas páginas 97-98 Foucault nos diz um pouco mais, o que é enunciado e o que não é, em exemplos tão insólitos quanto os precedentes. Uma curva é um enunciado. Um punhado de letras tomadas ao acaso não é um enunciado. Pensem no jogo, o Scrabble. Pegar na mão um monte de letras não é um enunciado. Por outro lado, se copiarem as letras sobre uma folha de papel, essas letras tiradas aleatoriamente, então temos um enunciado. Vamos lentamente porque Foucault está nos dizendo uma coisa estranha. Se eu copio no papel esse monte de letras, é um enunciado de quê? Enunciado de uma série de letras que não tem outra lei senão o acaso. Vocês veem que este exemplo é equivalente ao do teclado da máquina de escrever. A Z E R T, são as primeiras letras no teclado das máquinas de escrever francesas. Essas letras no teclado não são um enunciado. Se eu as copio ou as pronuncio, é um enunciado. Enunciado de quê? Da ordem das letras em uma máquina francesa. Subitamente as questões aparecem e cremos ter compreendido, mas antes mesmo de termos compreendido é preciso ver como termina o argumento.

Foucault conclui: “uma série de signos...”¹. De fato, as letras do Scrabble ou as letras no teclado já são séries de signos, mas não ainda um enunciado. Pois bem, “uma série de signos tornar-se-á um enunciado com a condição de que tenha com ‘outra coisa’ (que lhe pode ser estranhamente semelhante e quase idêntico como no exemplo escolhido)...”. É muito curioso, isso é puro Foucault... “‘outra coisa’ (que pode lhe ser estranhamente semelhante e quase idêntico)”. Logo, “uma série de signos tornar-se-á enunciado com a condição de que tenha com ‘outra coisa’ [...] uma relação específica que se refira a ela mesma – e não à sua causa, nem a seus elementos”. Vejam, uma série de signos, A Z E R T, torna-se enunciado sob a condição de ter com “outra coisa”... O que é esta outra coisa? Os mesmos signos que no teclado não são um enunciado e em relação aos quais, entretanto, o enunciado é estranhamente semelhante e quase idêntico.

¹ Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber. Op. cit.* p. 100.

Por que eu digo “é puro Foucault”? Porque se há alguma coisa, um problema... divertido, um problema fascinante que o apossou... cada um tem seus problemas fascinantes... Em Foucault, é o problema do duplo. E o que é um duplo? Não poderemos prosseguir, absolutamente, na nossa tentativa de explicar Foucault se não atravessarmos esse desafio que é a prova do duplo e o problema do duplo. E isto o tomou do início ao fim de... O que é um duplo? O que é ter um duplo? Bem, uma coisa de “estranhamente semelhante” e outra de “estranhamente semelhante e quase idêntico”. É a primeira vez para nós que vemos surgir a existência do duplo em Foucault. O enunciado é o duplo em Foucault. O enunciado é o duplo de algo que lhe é “estranhamente semelhante e quase idêntico”: azert enunciado é o duplo de A Z E R T no teclado. Mas um não é enunciado, o outro sim.

Então dizemos: sim, claro, é uma banalidade. O que seria dizer uma banalidade? Seria, por exemplo, dizer: para que haja enunciado, é preciso dizer ou escrever. Então as letras no teclado não seriam um enunciado, mas se as digo ou as escrevo em uma folha de papel, neste momento eu enuncio. Enunciar implicaria: dizer ou escrever. Em outras palavras, seria dizer alguma coisa que existe, ou seja, para que haja enunciado, é preciso que haja uma cópia. Mas isso é estúpido, pois as letras no teclado são elas mesmas uma cópia. Cada máquina de escrever francesa copia o modelo francês de máquinas de escrever. Se há cópia das condições de enunciação, seria preciso dizer que as letras no teclado já são enunciados. Ora, não é bem por aí.

Não seria melhor dizer: ah, sim, compreendo, para que haja enunciado, é preciso que haja designação e, quando copio as letras do teclado tenho um enunciado porque tenho uma instância que designa alguma coisa. E que coisa é esta? É uma instância que designa a outra coisa estranhamente semelhante e quase idêntica, ou seja, as letras no teclado. Logo, eu diria: sim, há enunciado quando há algo que designa. Ou, o que dá no mesmo sob esse ponto de vista: há enunciado quando há algo que significa. Então eu diria: o designado “A Z E R T” no teclado não é um enunciado, mas quando o copio no papel... Neste caso eu não defino mais o enunciado pela condição de copiar, mas pela condição de designar, pois a segunda série designa a primeira, estranhamente semelhante e quase idêntica. Mas também seria tolo definir a designação ou a significação sem nada supor do enunciado. [interrupção na gravação] Pois, nas definições clássicas da designação e da significação o enunciado está pressuposto. Logo, não posso definir o enunciado pela designação nem pela significação, pela

simples razão de que são as dimensões do próprio enunciado que o pressupõem. O que designa é o próprio enunciado.

Minha segunda resposta – agora que eu pensava já ter compreendido – desmorona. Então me dirão que é preciso definir o enunciado porque todas as outras dimensões pressupõem tanto a designação quanto a significação, a saber: é preciso definir o enunciado como cadeia significante porque ela não pressupõe o enunciado, ela é constituinte ou se passa por constituinte. Mas ainda não está bom, pois se defino o enunciado pela cadeia significante, o que me impedirá de dizer que esta já está sobre o teclado? Eis-me de volta à estaca zero.

Este retorno ao zero... Eu ponho a cabeça entre as mãos e pergunto: o que é esta outra coisa? Se o enunciado está fundamentalmente em relação com outra coisa de estranhamente semelhante e quase idêntica, essa outra coisa não é nem um designado, nem um significado, nem um significante. O que pode ser? Retomamos do zero. Então para que serviu este longo percurso? Serviu para criar um impasse...

Então surge uma palavra que Foucault atribui grande importância e que, estranhamente, comenta relativamente pouco. Desde o início de *A arqueologia do saber* – basta ver o sumário do livro – vemos que, *grosso modo* – pois é o título de uma parte, e não de um capítulo –, a primeira parte se chama “As regularidades discursivas”. Em seguida vemos que, na última parte, o capítulo 2 da quarta parte chama-se “O original e o regular”. E qual é o tema deste capítulo? Consiste em explicar, em resumo, que quando se quer definir um enunciado, há algo que é sem importância: o critério do original e do banal. Quando se quer saber... aqui também é preciso não ir muito rápido, pois é preciso não concluir que, para Foucault, uma proposição dita mil vezes ou um enunciado dito mil vezes ou um enunciado novo... não, ele diz que o critério da novidade ou da banalidade não é propriamente constitutivo do enunciado. Um enunciado banal não é menos enunciado que um enunciado original. Em outras palavras, banal/original não é uma distinção pertinente para que se saiba o que é um enunciado. Isso é importante, pois vimos que um enunciado remetia ao “fala-se”. Bem, o “se” não é nem banal nem original. O “se” não é o “se” da banalidade. Banal ou original não é pertinente com relação ao “fala-se” como condição de toda enunciação.

Pois bem, então o enunciado não é banal nem original, ele é regular, ou seja, ele obedece a regras. Quais são essas regras? Vimos que são regras muito particulares, pois

quando comentamos a natureza do enunciado sentimos a necessidade de emprestar de Labov a expressão “regras facultativas”, em contraste com as “regras obrigatórias”. São regras bizarras. Nem toda regra é regra de enunciação. Sem dúvida o enunciado implica regras muito particulares que chamamos “regras facultativas”. Resta o fato de que o enunciado é uma regularidade. Bem, isso significa que é uma regularidade, mas não qualquer uma. Então é preciso entender que, quando eu dizia “regra facultativa”, isso implicava que tais regras se definiam em relação a alguma coisa. Mas em relação a o quê? A algo diverso das regras obrigatórias. Em outras palavras, em relação a o quê as regras enunciativas se definem? Nem o original nem o banal. Aqui vamos avançar. Talvez... As regras enunciativas se definem com relação a singularidades. Sim, pois não seria já uma maneira de confirmar a distinção entre regras facultativas e obrigatórias? As regras facultativas concernem às singularidades que elas regularizam,² ao passo que as regras obrigatórias dizem respeito sempre ao universal.

Isso seria cômodo. Seria uma confirmação. Mas deixamos de lado, hein? As regras enunciativas diriam respeito às singularidades. O que me incomoda é que Foucault usa pouco a palavra “singularidade”, embora a use. Por exemplo, em *A ordem do discurso* vocês encontram a frase: “o *logos* eleva as singularidades até o conceito”,³ ao nível do conceito. Notem que, mesmo isolada do texto, a frase contém uma crítica do *logos*, pois o conceito é o universal. O *logos* eleva as singularidades ao [nível do] conceito, ou seja, ele as transforma em universalidade. Foucault usa aqui e ali as palavras “singular”, “singularidade” mas, ao mesmo tempo, não podemos dizer que ele traga aqui uma questão de terminologia. Eu creio que é ainda mais bonito do que isso. Vocês sabem, nos filósofos há sempre, no nível terminológico, dois tipos de termos. Há termos aos quais atribuem uma importância explícita, por exemplo, “enunciado” para Foucault. Neste caso ele nos diz explicitamente: cuidado, o que eu entendo por “enunciado” não é o que se entende por “frase”, “proposição”. Em seguida há termos para os quais o filósofo não sente necessidade de dizer “cuidado”. Ele os faz deslizar assim, no canto de uma frase. Cabe a vocês percebê-lo. Pois, neste momento são conceitos implícitos de uma filosofia, não mais conceitos explícitos. Não são conceitos do tipo “vejam bem”, são conceitos “piscada de olhos” ou “golpe de vista”.

² Sobre a noção de “singularité”, sempre relacionada àquela de “acontecimento” [événement], cf. p. ex. “Table ronde du 20 mai 1978”. In: *Dits et écrits* v. II. *Op. cit.*, pp. 842-84. “Préface à la *Histoire de la sexualité*” *Ibid.*, pp. 1399-1400. “*Theatrum philosophicum*”. In: *Dits et écrits* v. I. *Op. cit.*, p. 952, 956 e *passim*. *Qu’est-ce que La critique?*. *Op. cit.*, p. 78, nota 30.

³ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. *Op. cit.*, p. 48.

Volto ao meu tema. Procuo fazê-lo de modo simples. Parece matemática, mas não é. [Deleuze escreve na lousa]. Aqui está. O que eu fiz? Fiz uma emissão de singularidades, três singularidades. Ou, como se diz em matemática, estabeleci três pontos singulares sobre um plano. Uma de suas singularidades é não serem colineares. Eu poderia ter feito outra emissão de singularidades, eu teria feito [escreve na lousa]. É uma outra emissão de singularidades. E isso é tudo.

Vocês notarão que meus pontos singulares são indeterminados. Ah, mais um esforço. Agora farei uma coisa completamente diferente. O que eu fiz? Uma segunda figura. De maneira bem simples eu diria: uni os três pontos singulares; tracei três linhas. Bem, vamos lentamente porque há muitas armadilhas aqui. Quanto mais pensam que compreenderam menos terão compreendido. [incompreensível na gravação] Isso incomoda.

O que eu posso dizer no lugar de “reuni meus pontos singulares”? Eu digo: eu regularizei. De fato, cada uma das linhas é uma linha de pontos regulares. Uma linha de pontos regulares une uma singularidade a outra ou, se preferem – introduzo outra palavra que nos será útil – uma linha regular, uma linha de pontos regulares ou, se preferem, então [incompreensível] uma série de pontos regulares vai da vizinhança de um ponto singular à vizinhança de outro ponto singular. É uma noção matemática. Não é preciso saber matemática pra compreender a importância disto. Eis minha linha regular. Surge a ideia de série. Logo, a regularidade é uma série de pontos indo de uma vizinhança a outra de singularidades.

Bem, posso conceber... em minha primeira figura meus pontos singulares eram indeterminados. Aqui, após regularizar, eles recebem esta determinação: são vértices de um triângulo. Mas, enquanto pontos indeterminados, há pouco eles existiam como singularidades. Eram indeterminados. Eu tinha três pontos singulares. Será que é necessário que a regularização seja triangular? Diria que a regularização triangular é uma regularidade, ou seja, é uma forma sob a qual eu regularizei meus pontos singulares. Seria a única forma? Ou com os mesmos três pontos singulares seria possível uma série diferente da “série triângulo”? Continuemos a tentar fixar as palavras, as quais serão muito muito importantes terminologicamente. Sim, outra série seria possível. Vamos ver outra já.

Aqui se trata de uma segunda regularidade, vocês veem, é uma segunda regularização... o que será meu terceiro ponto singular? Ele se determinará – será outra determinação – da seguinte maneira: ponto situado fora da reta AB, pelo qual eu traço uma paralela à reta AB. Eis outra regularidade [escreve na lousa]. Vocês veem que as regularidades são infinitas, pois, a partir deste ponto eu poderia igualmente traçar uma [reta] secante. Eu poderia conceber talvez uma infinidade de séries. Eu me detenho em duas. As minhas duas séries estão em que tipo de relação? Convergentes ou divergentes, ou seja, são da mesma família ou de famílias diferentes? Em outros termos, vocês já veem que na minha regularização triangular eu fiz na verdade três séries. Mas, como são séries convergentes, eu posso considerá-las uma única série.

Passo à regularização e a trato também como uma série. Qual é a relação entre as duas séries? Posso prolongar uma dentro da outra? Não sei nada previamente. Talvez, à condição de constituir uma terceira série englobando as duas precedentes. Se vocês se recordam da geometria elementar saberão sob quais condições as duas series irão se prolongar. A resposta não está dada. Em certas condições elas não se prolongam. Elas se prolongarão se vocês introduzirem uma nova regularização. Qual seria? É [escreve na lousa]. Se tomarem um dos vértices do triângulo para traçar a paralela no lado oposto ao vértice. Será a condição sob a qual vocês demonstrarão que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos. Pronto, vocês convergiram as duas séries.

Descobrimos quase tudo, mas não podemos nos enganar na [inaudível]... O que podemos dizer agora? Pois bem, que um enunciado é uma regularidade. Foucault o diz explicitamente. O que isso quer dizer? O que ele regulariza? Ele regulariza pontos singulares. É por isso que há uma regularidade muito particular que se chama “regularidade facultativa”, que regulariza pontos singulares, e regularizar quer dizer “constituir uma série que vai da vizinhança de um ponto singular à vizinhança de outro ponto singular”.

Essas séries podem ser múltiplas. Haverá tantos enunciados quanto séries. E os enunciados irão convergir? Não há resposta predefinida. É preciso verificar. Sim, se as séries convergem, não se as séries divergem. Vimos isto acerca de “o que é uma família de enunciados?”⁴ Se há convergência entre as séries de enunciados, então estes serão da

⁴ Cf. 2ª aula.

mesma família. Em outras palavras, eis que o enunciado é uma regularidade, mas a emissão das singularidades não é um enunciado.

A pura emissão de singularidades não é um enunciado. O enunciado a pressupõe. Se não há emissão de singularidades não há enunciados. O enunciado remete a outra coisa estranhamente semelhante e quase idêntica: a emissão de singularidades. E, de fato, meus pontos singulares indeterminados são estranhamente semelhantes e quase idênticos ao enunciado. O enunciado não faz outra coisa senão acrescentar uma linha regular indo da vizinhança de um destes pontos à vizinhança de outro ponto. Em outras palavras, o enunciado contém “alguma coisa de estranhamente semelhante e quase idêntico”. Entretanto, esta “alguma coisa” é bem diferente do enunciado.

O enunciado é a regularidade, é a série. Todo enunciado é serial. Abro parênteses: estamos diante da grande confirmação do antiestruturalismo, pois Foucault insistirá em substituir o ponto de vista da estrutura pelo das séries. Ele nos propõe uma solução diferente do estruturalismo. A Z E R T sobre o teclado da máquina de escrever não é de forma alguma o que designa o enunciado. A Z E R T sobre o teclado são as singularidades que o enunciado irá encarnar, são a emissão de singularidades. Quando eu copio A Z E R T na folha de papel faço coisa bem diversa de copiar, faço algo diferente de designar o que há no teclado. Eu regularizo as singularidades, eu faço minha série. A mesma coisa vale para o punhado de letras tomadas ao acaso. Quando eu as copio no papel faço uma coisa diferente do designar: eu encarno as singularidades, eu as regularizo. Uma pequena diferença – essa outra coisa estranhamente semelhante e quase idêntica – não passa entre o enunciado e o que ele deveria designar, nem entre o enunciado e aquilo que ele deveria copiar, mas entre a regularidade que ele constitui por si mesmo e as singularidades que ele encarna e atualiza. Aí está, vocês podem descansar um pouco.

É preciso que fique claro. Na minha opinião, Foucault fez algo formidável. Ele erigiu uma dimensão vertical no seio do sistema desgastado da representação, da copia, da designação, da significação, do significante. Uma dimensão vertical que redistribuiu tudo. Ele fez uma nova distribuição. Então, evidentemente, o que é inquietante, é ele não explicitar tanto quanto gostaria essa noção de singularidade. De certa maneira, isso ocorre porque a noção lhe era demasiado próxima.

Nós veremos (é preciso esperar) que, em minha opinião, em toda a obra de Foucault, em contextos muito diferentes deste do enunciado, a noção de singularidade é fundamental, por uma razão muito simples: ela é o elemento das multiplicidades. A multiplicidade é um conjunto de singularidades, é uma emissão de singularidades. Toda a sua raiva e crítica do universal, parece-me, é incompreensível se não compreendermos o que ele quer dizer, que as coisas se dão a partir das singularidades. Mas então por que Foucault não desenvolve mais? Penso que é porque talvez ele considerasse esta noção como já estabelecida na Matemática e na Física. Eu gostaria que vocês refletissem sozinhos. Se não estiver muito claro eu repito, certo?

Eu recomeço, porque todo o resto depende disto. Peço-lhes dois minutos de reflexão intensa. O raciocínio parece evidente, mas é absolutamente necessário compreender de que modo esse argumento não tem nada a ver com uma relação de designação. Se eu digo que o enunciado é uma regularidade que encarna ou que atualiza pontos singulares, então é preciso que compreendam que daqui decorre imediatamente a concepção serial de enunciado, com todos os problemas que isso envolve. Dados dois enunciados, é possível dizer se são da mesma família? Pois bem, eles serão da mesma família se for possível prolongar a série de um na série do outro. Tudo depende disso, no fim das contas é uma construção vertical.

Temos as singularidades... Vocês podem até mesmo pô-la numa espécie de céu. Veremos em que sentido, aliás, as singularidades estão em uma espécie de céu. Não só as ideias universais estão no céu, há os pontos singulares, pequenas estrelas. As singularidades indeterminadas são essa construção vertical. É uma espécie de platonismo da singularidade. Em seguida há os enunciados que atualizam as singularidades, que as encarnam constituindo séries de pontos regulares que vão da vizinhança de uma singularidade à vizinhança de outra, e que podem fazê-lo de várias maneiras.

Reflitam [inaudível] radical... Todo este enunciado aqui... O que acabei de tentar mostrar é que todo enunciado é uma curva, que podemos tirar a recíproca da fórmula de Foucault “uma curva é um enunciado”⁵. Mas inversamente, todo enunciado é uma curva que une singularidades. Por outro lado, nada me permite afirmar que todas as curvas são convergentes. Se elas não são convergentes, não posso dizer que há um conjunto de

⁵ Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber. Op. cit.*, p. 195.

curvas convergentes. Neste último caso eu teria famílias irreduzíveis de enunciados. Não é dado que todas as séries se reúnam em uma mesma série infinita. Alguma pergunta?

Aluno: [inaudível na gravação].

Deleuze: Ah, sim, os exemplos políticos. Veremos em breve. É, os exemplos políticos são frequentes aqui, mas não posso dá-los agora, mas prometo que voltaremos a eles. Faremos um esquema de curvas não matemáticas. Mas não quero sair subitamente das matemáticas porque eu preciso delas. Pois há um grande filósofo da matemática que se chama Lautman. Em um livro seu, ele comenta um célebre texto de Poincaré que se chama “Sobre as curvas definidas por uma equação diferencial...”⁶. Não importa o que é uma equação diferencial. Vocês verão que podemos ler as matemáticas, mesmo as de altíssimo nível, sem nada perder... Esta é uma razão a mais para sermos modestos, pois vocês podem pressentir, mesmo sem ter estudado Matemática, que ela é essencial para a Filosofia.

Lautman diz: “A teoria das equações diferenciais põe em evidência duas realidades absolutamente distintas”.⁷ Aqui compreendo: ele anuncia que as equações diferenciais suscitam duas realidades heterogêneas, absolutamente diversas. “Há o campo de direções e os acidentes topológicos que podem dele advir, como por exemplo a existência de pontos singulares”. Ele dirá, um pouco adiante: “existência e repartição das singularidades em um campo de vetores definido pela equação diferencial”. O que é isso? Mesmo admitindo que nada compreendemos... Não é necessário. “Existência e repartição das singularidades”. Pois bem, singularidades. Faço um trabalho de compreensão mínima. Pontos, pontos sobre um plano, como meus três pontos. Eu reparti singularidades, eu as fiz existir, eu as reparti, “em um campo de vetores definido pela equação diferencial”. Quando apareceria o campo de vetores? Quando tive que escolher entre duas organizações dessas singularidades. Eu queria tomar cada uma delas em relação às outras duas? Ou apenas a terceira em relação às duas primeiras? Eram dois campos de vetores.

Vocês veem, não tenho que explicar a noção de “campo de vetores”, apenas preciso orientar-me nele: tenho uma existência e uma repartição de singularidades em um campo de vetores. E Lautman – com Poincaré – nos diz: “e agora há outra coisa, é a

⁶ POINCARÉ, H. “Mémoire sur les courbes définies par une équation différentielle”. In: *Journal des mathématiques pures et appliquées* (1881-1885).

⁷ Cf. LAUTEMAN, A. *Les mathématiques, les idées et le réel physique*. Paris: Vrin, 2006.

forma das curvas integrais”. Mesmo sabendo pouco, vocês sabem que [inaudível] relação o cálculo diferencial e o cálculo integral. A existência e a distribuição das singularidades concernem à equação diferencial. Mas, cuidado, a forma das curvas integrais é relativa não mais à equação diferencial, mas às soluções dessa equação. Bem, o que é a forma das curvas integrais? É o que determina as singularidades. E é o grande tema de Poincaré neste texto. As singularidades existem e são repartidas em um campo de vetores, mas como pontos indeterminados. As singularidades recebem sua determinação das curvas integrais que passam em sua vizinhança e tudo depende do que faz a curva integral na vizinhança. E tenho que retomar meu exemplo, que era rudimentar mas que se mostra bem consistente sob esse ponto de vista. Eu diria: em meus dois casos, não tenho de forma alguma as mesmas linhas integrais. Em meus dois casos as singularidades não são determinadas da mesma maneira, pois em um caso elas são determinadas em um triângulo que eu chamo “figura integral”, que passa na vizinhança de minhas três singularidades. No outro caso tenho outra figura: as paralelas.

É possível que as duas séries se encadeiem e se prolonguem em uma mesma série, mas não vou tratar disso agora. Pois, de fato, seria preciso uma terceira série para que elas se prolonguem, vimos isso, e aqui Poincaré é importante. Os pontos serão determinados segundo a forma das curvas integrais que passam na vizinhança dos pontos. Releio Lautman: Poincaré distingue os colos (que são uma singularidade determinada), os nós, os focos e os centros. As palavras são muito bonitas, são os nomes que as singularidades assumem quando são determinadas pelas curvas integrais que passam em sua vizinhança. Os colos são as únicas duas curvas definidas pela equação. Duas curvas apenas. Os nós são onde uma infinidade de curvas se cruzam. Infinitas curvas. Os focos são aqueles em torno dos quais as curvas giram, aproximando-se sempre ao modo das espirais. Os centros, em torno dos quais as curvas se apresentam sob a forma de ciclos fechados.

Vocês veem, podemos batizar as singularidades segundo a nossa necessidade. Devemos fazê-lo. As singularidades são determinadas somente quando a forma das curvas integrais ou de seus equivalentes passa por sua vizinhança. Se voltamos ao meu exemplo e recomeçamos minha pura emissão de singularidades... Aqui. [desenha na lousa]. Aqui: três singularidades indeterminadas. Melhor ainda: faço uma emissão com uma única singularidade. Mas isso não me diz nada da feição [*allure*] que terá a curva que passa na vizinhança. Neste caso minha singularidade é determinada como vértice.

Podemos conceber outro caso. [desenha na lousa] É mesmo mais bonito, não? Posso conceber ainda um terceiro caso... Assim... O que conta para mim é que as singularidades nesses três casos serão determinadas de maneira diferente segundo a feição da curva que passa por sua vizinhança.

Conclusão: um enunciado não é uma estrutura, é uma função. Função que consiste em regularizar as singularidades traçando a curva que passa na vizinhança dessas singularidades. Ora, se o enunciado é uma função, posso concluir e mesmo deduzir imediatamente que o enunciado é serial⁸. Até onde vai se prolongar uma série? Daqui decorre o problema que Foucault coloca já na introdução de *A arqueologia do saber*, e o interesse profundo que ele nutre pela história moderna – ao menos sob o aspecto da historiografia influenciada por Braudel –, que construiu um método dito “serial”. Estabelecer séries de períodos [*portées*], de temporalidades variáveis, uma vez ditas todas estas [inaudível] espaço-temporais.

Pois bem. Aqui estamos, mas isso me perturba. Acabamos de distinguir duas dimensões. Evidentemente, uma não existe independente da outra. No final das contas, permanecem indeterminadas as singularidades sem a curva integral ou sem uma curva integral que passa em sua vizinhança. Inversamente, não se leva em conta uma curva que não passe na vizinhança de singularidades. Logo, uma implica a outra, mas isso não impede que tenham uma diferença de natureza. Ambas diferem por natureza. Não existe uma sem a outra, há pressuposição recíproca, há tudo o que vocês quiserem.

Reencontramos todos os nossos temas discutidos ao longo do trimestre. Há pressuposição recíproca, sim, mas há ao mesmo tempo diferença de natureza. Há imanência, sim, entretanto há heterogeneidade. Então o que me interessaria seria poder dizer um pouco mais sobre as singularidades indeterminadas [inaudível]. O que posso dizer a respeito? O que posso dizer delas? Não posso nem mesmo dizer no quê elas consistem. Não posso dizer: são os vértices de um triângulo, pois o que os constituiem como tal é a regularidade que os encarna. Mas posso dizer algo acerca da própria singularidade? O que posso dizer de azert no teclado? Vou tentar algo, pois aqui a

⁸ “A arqueologia do saber se situa neste câmbio (nem recente, nem acabado) pelo qual a história redefine sua posição com respeito aos documentos. A tarefa primeira da história já não consiste em interpretar o documento, determinar se diz a verdade, nem assinalar seu valor expressivo, mas sim em **trabalhá-lo** do seu interior. ‘Ela o organiza, o divide, o distribui, o ordena, o reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente e o que não o é, assinala elementos, define unidades, descreve relações’. (*L’archéologie du savoir*, p. 14)”. CASTRO, E. *El vocabulario de Michel Foucault*. Buenos Aires: Prometeo, 2004, verbete “arqueologia”.

situação é muito mais delicada do que nas matemáticas. Eu lhes asseguro que tentei de tudo, eu queria um manual de datilografia. Cheguei até a telefonar para a Pigier⁹, que são um pouco desagradáveis, pois precisava muito falar com um professor de datilografia. Finalmente precisei ir [inaudível]. Não obtive nada. Então sou obrigado a levantar hipóteses somente. Mas será fácil verificar se estão erradas. Corrijam-me se descobrirem algo.

Por que é azert nas máquinas de escrever francesas? Notem que falo de azert no teclado. Logo, coloco-me no nível da “pura emissão de singularidades”. Isso depende de quê? No caso das letras do Scrabble é simples, trata-se de uma emissão feita ao acaso. Entre as letras que eu retiro há uma relação aleatória. Bem, vocês compreenderão já onde quero chegar. Uma relação aleatória é uma relação de força. Tirar letras ao acaso é uma relação de força entre elas. Se eu tiro letras ao acaso, por exemplo, A K E, não posso dizer que estas letras estejam sem relação, elas têm uma relação, a relação do acaso. O acaso é uma relação de força entre letras. Retenho isto. Veremos se há algo a concluir a respeito. Bem, a máquina francesa: azert. Em minha opinião, e aqui sou prudente por falta de informações – já que não me quiseram dá-las –, é preciso levar em conta... não posso dizer que as letras A Z E R T sejam sem relação. E quais são as relações desta vez? Não é uma relação casual. Eu creio que é preciso ter em mente duas coisas para compreender o teclado de uma máquina de escrever. É preciso considerar as relações de frequência ou de atração – dá no mesmo –, relações de frequência de grupos de letras ou de atração de uma letra com relação às outras. Neste campo os linguistas fizeram, para cada língua, estudos muito avançados sobre o poder de atração de uma letra sobre as outras e sobre as frequências de tal ou qual grupo de letras em uma língua. Por exemplo, WH tem uma frequência alta em inglês. Em francês essa frequência é nula. A letra G em francês atrai U e N com uma frequência relativamente grande.

Pouco importa se tudo isso é verdadeiro, hein? As letras irão se repartir no teclado. Espera-se do datilógrafo que atinja o ideal, ou seja, teclar com as duas mãos. Notem que já se trata de um campo de vetores. O teclado tem duas metades, ele é vetorizado em duas metades. A fronteira é fluida, mas há uma metade esquerda e uma direita. O que isso quer dizer? Já quer dizer que se há uma letra – eu suponho tudo isso, certo? –... se há, por exemplo, duas letras de alta frequência, digamos, G e U. Neste caso, quando se tecla um G, há chances consideráveis de que a letra seguinte seja um U.

⁹ É uma tradicional rede francesa de escolas técnicas privadas.

É evidente que é bom distribuir o G e o U entre as duas metades. Pois, se colocarmos o G nesta posição aqui do teclado e o U logo abaixo, na mesma metade, será necessário teclar G e U com o mesmo dedo e haveria uma perda de tempo considerável. Logo, temos estes fatores: tempo, relações entre duas mãos, separação dos dedos, e relações de frequência entre letras em uma língua específica. Eles determinarão a emissão de singularidades constitutiva do teclado. Permitam-me chamar isso, esse conjunto (relações de mãos, relações de dedos de cada mão, relações de frequência, relações de atração de letras) de relações de força entre letras e dedos. Relações de frequência das letras e relações dinâmicas dos dedos. Eu diria: eis o que preside a emissão de singularidades sobre o teclado. Eis o que a Pigier poderia ter-me respondido.

Bem, o enunciado, diz Foucault, é a regularidade. Ou seja, quando – isso é fictício – faço passar uma curva, uma integral que vai da vizinhança de uma singularidade a uma outra singularidade, mesmo se isso segue a mesma ordem que a do teclado, mesmo se pareço estar copiando azert, eu faço um enunciado, pois encarnei as singularidades em uma integral. Por que o primeiro azert não é um enunciado e o segundo sim? É porque o primeiro determina a pura emissão de singularidades em um campo de vetores definido pelas relações de forças, o segundo encarna essas mesmas singularidades em integrais, mesmo sendo somente integrais fictícias. Eu integrei relações de forças e assim constitui um enunciado.

Se vocês compreendem esse ponto então estamos bem, trata-se da transição do saber para o poder. Pois, o que é que Foucault chamará “poder”? É o momento de dizê-lo de uma vez por todas... não, nós repetiremos isso, o que ele chamará “poder” é toda relação de forças, quaisquer que sejam. Não que qualquer coisa seja uma “relação de forças”. O que é uma relação de forças para Foucault? Isso é muito importante. Ora, uma letra tem um poder sobre outra. É preciso compreender isso, caso contrário não compreenderão nada da filosofia política de Foucault. Uma letra tem um poder sobre outra, ou não o tem. Uma letra terá um poder de atração sobre uma outra, G sobre U ou N. Ou W e H para o inglês. Toda relação de forças é poder e poder consiste unicamente em uma relação de forças. Acerca de dois termos entre os quais há relação de forças, vocês poderão dizer: um exerce poder sobre o outro e ambos exercem poder reciprocamente.

Como se passa do saber ao poder? Ao menos temos uma resposta: passa-se do saber ao poder na medida em que o enunciado forma o saber, é uma integral, opera a

integração de singularidades e é apenas no final que percebemos que essas singularidades como tais mantinham relações de poder umas com as outras. Em outras palavras, o saber é a integração das relações de forças no sentido mais geral, relações de forças entre coisas, entre pessoas, entre letras, entre luz, entre sombra e luz, entre tudo o que vocês quiserem... Isso porque Foucault [inaudível] ontologia política.

Agora estamos em condições de distinguir as relações de forças que constituem o poder e as relações entre formas que constituem o saber. As relações entre formas são as feições das curvas integrais que atualizam as singularidades, as quais mantêm entre si relações de forças. Por este motivo torna-se particularmente urgente a exigência de agora há pouco, de um exemplo não matemático nem linguístico. Notem que com azert demos um exemplo linguístico, no qual vemos que as letras exercem... [interrupção]. O enunciado [interrupção] nas relações de forças que o enunciado irá regularizar. Certo? É que... isso me parece muito extraordinário. Há muitíssimas coisas novas em Foucault, mas esta análise é uma das novidades mais fortes introduzidas por ele. Bem, descansem um pouco. Que horas são? Onze horas... [interrupção]

Alguém acabou de fazer uma observação muito justa. Ele disse que tudo isso é muito bonito, mas se introduzíssemos o campo de vetores já no nível das singularidades, ou seja, se tomássemos as singularidades nas relações de forças... mas é quase a mesma coisa que tomá-las no nível das curvas integrais que passam na vizinhança. Não está errado... Não impede que as relações de forças sejam ainda a feição das curvas que passam na vizinhança. Mas que haja uma espécie de entrelaçamento de ambos... mas a forma das curvas não será definida por relações de forças. Quando eu invocava as relações de frequência, por exemplo, entre letras em uma dada língua, ou as relações de atração entre uma letra e outras, tratava-se de relações quaisquer independentes de uma curva de integração. Mas isso não impede que haja uma espécie de [entrelaçamento]... exatamente como na relação entre o visível e o enunciável.

Tudo o que dissemos ao longo deste trimestre sobre as duas formas do saber, ou seja, acerca do entrelaçamento perpétuo do visível com o enunciável, resulta que mesmo que difiram em natureza, um não cessa de suscitar o outro, de capturar o outro. Foucault irá dizer exatamente a mesma coisa sobre a relação entre o poder e o saber. Aqui também haverá pressuposição recíproca entre os dois, mas uma relação de forças não é uma relação de formas. E por uma razão muito simples: a relação de forças – veremos isto no próximo ano – é fundamentalmente informal, ao passo que as curvas integrais

definem sempre formas. Só poderemos compreender progressivamente. O essencial é que vocês intuem. Eu recorro sempre ao seu pressentimento porque tudo isso são temas novos. [interrupção] ... pseudo-matemáticas.

Embora eu pense ser muito importante para a filosofia o fato das matemáticas comportarem, dentre seus temas mais importantes, uma teoria matemática das singularidades que é, por sua vez, um dos grandes cruzamentos das matemáticas com a filosofia. Desde sempre. Parece-me impossível compreender um filósofo como Leibniz sem levar em conta a dupla pertença – filosófica e matemática – da noção de singularidade, dos pontos singulares. Entendam, todas as filosofias que reagiram contra o universal somente puderam fazê-lo em nome das singularidades tomadas em sentido matemático. Veremos a importância para Foucault de levar o mais longe possível uma crítica ao universal.

Bem, haverá todo tipo de problemas práticos. Vocês veem, o método – *A arqueologia do saber* é um livro de método -, eu resumo, reside em construir as integrais, as curvas integrais na vizinhança das singularidades. Isso não quer dizer que Foucault seja matemático, pois ele irá aplicar este método diretamente em domínios completamente diferentes. E ele está no direito de fazê-lo, pois extraiu as condições sob as quais esse método não se limita ao campo das matemáticas.

Vejamos um exemplo. Desta vez um exemplo social, lembrando que eu deixei claro que as relações de forças não se resumem ao campo social. Lembremo-nos das relações de forças entre as letras do alfabeto. Há singularidades em um campo social? Evidentemente. E o que são singularidades no campo social? Há singularidades no campo estético? Sim, há muitas. Finalmente, não é uma definição do pensamento? Pensar é emitir singularidades. Se fosse uma definição do pensamento compreenderíamos melhor o “um lançar de dados” de Mallarmé, compreenderíamos melhor a referência de Nietzsche ao jogo de dados.¹⁰ Pensar é um lance de dados. As singularidades, o que são? São pontos sobre as faces do dado lançado. As faces que saem dos dados. Isso quer dizer que podemos pensar não importa o que seja? De modo algum, pois é preciso que as singularidades que eu emito formem belas curvas integrais, e não se sabe previamente... há sempre riscos. Tenho um pensar débil quando jogo os dados, mas não sai nada. É o mal jogador. Então pensar é jogar os dados, repito, isso

¹⁰ MALLARMÉ, S. *Un coup de dés jamais n'abolira le hazard* (1897). NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*, “Os sete selos”.

significa também que o próprio acaso é uma relação de forças, relação de forças entre os pontos nas faces do dado. E o que resulta? Resulta talvez que as integrais da filosofia são conceitos, mas que um conceito não é um universal, mas sim uma integral de singularidades. Haverá então singularidades noéticas, singularidades de pensamento? Sim, haverá singularidades noéticas, e fazer a filosofia seria jogar dados. Bem, então haverá um campo filosófico com singularidades. E será com isso que eu fabricaria conceitos? Ou não fabricaria nada?

Mas voltemos ao campo social. Farei uma pequena constelação. E serei obrigado a me contradizer, mas só aparentemente, porque irei nomear essas singularidades para que se compreenda o exemplo. Sou obrigado a nomeá-las e, portanto, prejudicar as integrais que irão unir as singularidades. Mas procurem corrigir a si próprios. Farei uma pequena constelação... Eu lanço... eu emito uma singularidade: um ponto de confissão. Emito outra, aqui, um pouco mais alto, um ponto de sacramento. Embaixo, um terceiro, um ponto de culpabilidade... Humm, à esquerda, à direita, emito um último, um ponto de memorização. Aqui está, são quatro ou cinco. Posso definir relações de forças. Posso definir relações de forças entre esses pontos em um campo de vetores. Um primeiro: meu ponto de confissão tipicamente é tomado em uma relação de forças padre-usuário [*prêtre-usager*], confessor-confesso. É uma relação de forças em sentido amplo, isso não quer dizer que o confessor dê tapas, hein? Vimos que uma relação de forças não é isso. Em particular, as linhas de atração são relações de forças. As atrações são tipicamente exercícios de força.

Sacramento... bem, tudo isso, sacramento, pecado [*faute*], memorização. Vejam que eu posso fazer passar uma curva na vizinhança de todos esses pontos. Levanto esta hipótese e digo: sim, tem algo a ver. O que me diz a curva? É a integral que vai passar na vizinhança de cada um desses pontos. Pois bem, parto do “ponto de confissão”, em seguida traço uma linha em direção ao “ponto de sacramento”. De fato, é preciso confessar antes de comungar, para receber a comunhão. Não é mais a relação de força de cada ponto no campo vetorial, é uma curva integral que vai da vizinhança do primeiro ponto à vizinhança do segundo.

Sacramento e confissão: posso traçar duas linhas regulares que tendem na direção do pecado. O sacramento é uma maneira de expiar o pecado original. A confissão é a declaração dos pecados seguintes. Bem, aqui também, se for falso, corrijam a si próprios, não muda nada. Memorização: o exame de consciência que

precede a confissão. Eu posso prolongar a minha integral, a linha que posso chamar “de integração” ou “de atualização” dos pontos singulares. Eu posso esticá-la até onde? É muito variável. Num primeiro caso, eu a prolongo até aquilo que poderia chamar de uma curva especial, que fixaria o fim da série. Eu diria: uma série é finita se posso assinalar, relativamente a essa assinalação, se posso assinalar, entre e no conjunto das curvas integrais que a atualizam, aquilo que os matemáticos chamariam – há palavras muito cômodas – de uma curva “envoltória” [*enveloppante*], uma curva que envolve todas as outras. A envoltória... todos esses termos são bonitos... a envoltória das singularidades. Mas existe tal curva? Às vezes não, às vezes sim. É como em matemática, presumo eu. Ao final de sua vida Foucault se interessou mais e mais por aquilo que ele chamava de “poder pastoral”. E o livro não publicado, *As confissões da carne*,¹¹ analisa, creio eu, a formação desse poder eclesiástico, o poder pastoral. É uma velha ideia que encontramos em Platão: [conduzir o] pastar [de um rebanho] como o modelo de governo. É o tema de *O político* de Platão... O que é o bom governante? É o pastor de um rebanho.¹² Parece não ser nada, mas é um problema político fundamental: o poder é pastoral? É desnecessário dizer que, em sua retomada do platonismo, o cristianismo irá tirar partido da ideia do poder pastoral, com os Padres da Igreja, e vai orientá-lo para vias evidentemente muito distantes das de Platão, pois são vias cristãs. E o poder pastoral será antes de tudo um poder de tipo novo, que o poder do Estado não preencheria de forma alguma na época e que, talvez, irá prefigurar os Estados futuros, ou seja, que poderíamos definir assim: uma relação de força (poder pastoral) que se apresentará como o controle do cotidiano. Controle da vida quotidiana. Gestão da vida quotidiana. A multiplicidade humana, a comunidade humana assimilada a um rebanho, de tal forma que o pastor deve se ocupar do detalhe cotidiano da existência de cada membro do rebanho. Eis um tipo de poder que não tem nenhum equivalente. O poder pastoral, completamente diferente do poder real. O rei não se ocupa de forma alguma do cotidiano de seus súditos. O pastor se ocupa da cotidianidade de seu rebanho e do que se passa na cabeça do rebanho. O rei não se importa de forma alguma com o que se passa na mente das pessoas.

¹¹ FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité* v. IV: *les aveux de la chair*. *Op. cit.*, publicado somente em 2018. Cf. tb. *Id. Segurança, território, população*. *Op. cit.*, publicado em 2004.

¹² Foucault analisa o tema do governo político como pastorado em *Segurança, território, população*. *Op. cit.*, aula de 8 de fevereiro de 1978. Note-se que, para Foucault, em *O político*, Platão conclui que o político não governa os homens no modo pastoral (cf. *ib.* pp. 185-193). Do mesmo modo, novamente acerca de *O político*, Foucault afirma que “O homem político não é pastor, ele é tecelão. [...]. A política, na Grécia, não é tarefa de pastor”. Cf. *Histoire de la sexualité* v. IV. *Op. cit.*, pp. 382-383.

Então eu diria que, com o esquema pastoral, temos uma curva englobante, uma curva envolvente. Posso então dizer que a série termina, ou seja, que ela é fechada, fechada pelo esquema pastoral? Sim, de certo ponto de vista. Ela não poderia ser prolongada? É provável que, a partir de certo momento – que Foucault situaria entre o fim do século XVIII e início do XIX – o poder do Estado assume o modelo do poder pastoral da Igreja. Quer dizer que uma das pretensões fundamentais do poder da Igreja, de individualizar seus sujeitos de modo a capturá-los em sua vida quotidiana, pois bem, o poder do Estado fará disto seu próprio objeto por todos os meios. Haverá então uma espécie de transmissão na qual o poder pastoral, com mudanças muito grandes, será retomado pelo poder do Estado. O poder do Estado exige, põe-se a exigir a individualização de seus sujeitos. Neste momento, posso afirmar, sob esta condição, que minha série se prolonga para além do poder pastoral. Haverá convergência entre a série pastoralizada e a série estatizada, entre a série da Igreja e a série do Estado. O que isso quer dizer? Qual seria o método de análise do campo social? Ele seria: fixar as singularidades presentes neste campo na medida em que elas entram em relações de força constitutivos do campo de vetores. Trata-se de fixar as singularidades constitutivas de tal campo social, ou seja, aquelas que entram em relações de forças correspondendo a este campo social.

Segundo ponto: construir as formas institucionais, ou seja, as curvas integrais que atualizar essas relações de forças. O sacramento, a confissão, o poder da Igreja enquanto instituição. Na medida em que as relações de força e as singularidades se atualizam, são consideradas como atualizadas nessas curvas integrais, nessas instituições, elas constituem verdadeiros saberes. É todo um saber que se desenvolverá no nível do confessional como casuística, no nível dos sacramentos, no nível dos Pais da Igreja, ao nível daquilo que poderíamos chamar “saber pastoral” em geral. E, na medida em que as singularidades, com suas relações de forças, se encarnam nas curvas, surgem os enunciados.

Reencontramos nossa solução. Eu procuro quais são os enunciados de sexualidade no século XIX. Basta retomar, mas creio que demos um grande passo adiante que aparece agora com muito mais clareza. Procuro constituir um corpus de frases acerca da sexualidade, palavras que digam a sexualidade em dada época. Como constituo meu *corpus*? Eu procuro as singularidades como focos de poder. Foco é uma palavra inadequada. Há centros de poder, há nodos de poder. Há colos de poder, o que

vocês quiserem... Essas singularidades são focos de poder. Faço passar minhas curvas, que são formas de enunciados. São as formas de enunciados que portam em si mesmas um saber.

Terceira questão. Notem os dois aspectos do método serial. Primeiramente... Eu recomeço: assinalar as singularidades e as relações de forças onde aquelas estão presas. Eis o problema do poder. Segundo aspecto, construir as curvas integrais, ou seja, as integrações institucionais que produzem enunciados. Este é o aspecto do saber; eu construo minhas séries. Terceiro aspecto, quando é que uma série termina? A resposta é variável, tudo depende do nível em que se está. Voltando ao exemplo, há toda uma série que termina com o poder pastoral, mas que, segundo outro ponto de vista, converge com o poder do Estado. Vocês podem marcar o corte em certo lugar ou mais adiante, segundo seu objetivo. Às vezes a duração será curta, dado que toda série é espaço-temporal, pode-se construir séries de curta ou de longa duração.

Aqui há um problema para Foucault, do qual nos ocuparemos no futuro: ele sempre preferiu séries de curta duração. Se considerarem todos os seus livros, salvo seus últimos livros, vocês verão que ele estuda as durações curtas e que ele detesta... pois tem medo que a longa duração o conduza à história universal. Logo, são séries de dois séculos no máximo, como *História da loucura*. *Vigiar e punir* limita-se em 50 anos. São séries curtas, exceto *O uso dos prazeres*, que marca a conversão de Foucault à série longa, à longa duração. Trata-se de fazer a história de algo que começa com os gregos.

Uma duração tão longa é de fato insólita. Dos gregos até nós, passando pelos Pais da Igreja. A história da sexualidade exige, a partir do segundo volume, uma longa duração. O que pode ter acontecido: É preciso partir de algo muito muito preciso para compreender... Foucault [inaudível] colocar a questão: qual a mudança em Foucault entre *A vontade de saber* e *O uso dos prazeres*?¹³ Eu creio que uma boa maneira – pois é um detalhe concreto – de responder é perguntar o que pode converter Foucault ao uso de uma grande série, de uma série longa? Essa questão é análoga ao nosso terceiro aspecto: quando é que uma série termina? Vemos muito bem o que Foucault deve a Braudel, que sempre trabalhou com as séries, constituiu as séries históricas, e ademais,

¹³ Respectivamente, o primeiro e o segundo volumes de *História da sexualidade*, o primeiro publicado em 1976 e o segundo apenas em 1984, um intervalo, portanto, de 8 anos, caracterizado por Deleuze como um “impasse” e uma “crise”. Cf. DELEUZE, G. *Conversações*. *Op. cit.*, p. 134 e p. 139.

distinguiu as séries segundo a amplitude da duração nas quais se espalham. E toda a concepção da história de Braudel, vocês sabem – talvez eu falarei mais precisamente mais adiante –, consiste em distinguir três tipos de durações: as durações curtas, médias e longas, que coexistem umas com as outras. Em Foucault, temos que investigar qual é a distribuição das durações com relação às séries. Tudo isso traz muitos problemas, certo? Eu dei então um exemplo, que era: acerca da sexualidade, como os focos de poder se localizam nas singularidades, nas relações de força que vão se atualizar em processos de integração, os quais constituem saberes? Bem, este é o tema geral de Foucault.

Tomo dois exemplos, dois outros exemplos que Foucault resume em *A arqueologia do saber*. O exemplo na psiquiatria nas páginas 233-234.¹⁴ Ele nos diz: “o que tornou possível a psiquiatria na época em que surgiu, o que determinou essa grande mudança na economia dos conceitos, é todo um jogo de relações...” prestem atenção, vocês verão que os termos destas relações não são saberes. “... é todo um jogo de relações entre...”. Aqui eu recomeço minha emissão de singularidades, “... entre a hospitalização (1), a internação (2), as condições e os procedimentos de exclusão social (3)”. Os procedimentos de exclusão não são a mesma coisa que o internamento. “... as regras da jurisprudência (4), as normas do trabalho industrial (5)... em suma, todo um conjunto que caracteriza a formação de enunciados para essa prática discursiva”. Não poderíamos ser mais claros: é a constelação dos focos de poder, ou seja, a constelação das singularidades, que tornará possível o traçado das curvas constitutivas de saber. Seria preciso afirmar: o campo social faz um lance de dados.

Vocês me perguntarão: ah, sim, o campo social joga os dados, mas partindo do zero? Não, não parte do zero. Sem dúvida o lance de dados de cada campo social é determinado parcialmente pelo estado das forças do campo precedente. O que é? Abro parênteses porque talvez vejamos isto mais tarde. Eu digo agora para aqueles que estavam aqui ~~no~~ ano passado, é exatamente o que chamamos sucessão de eventos semi-independentes, ou cadeia de Markov. São reencadeamentos sucessivos. A cada vez há um sorteio, mas usando os dados do sorteio precedente. Uma sucessão de sorteios que dependem parcialmente uns dos outros. É o que constitui uma cadeia de Markov. Podemos conceber as mutações sociais sob a forma de uma cadeia de Markov. É a análise de Foucault acerca da anatomia patológica. É um saber que se forma no início

¹⁴ Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. *Op. cit.* pp. 200-201.

do século XIX ou no final do XVIII. Podemos igualmente nos perguntar: o que havia antes da psiquiatria? Ela não existia, havia outra coisa. É toda uma redistribuição do campo precedente que tornará a psiquiatria possível. Um novo lance. Antes da anatomia patológica, havia a clínica, que é a conquista do século XVIII. Será necessária toda uma redistribuição dos focos clínicos para que a anatomia patológica seja possível. Foucault bem o diz nas páginas 213-214 [de *A arqueologia do saber*].¹⁵ Ele o demonstrou mais longamente em *Nascimento da clínica*. Eis aqui a passagem: a anatomia patológica descobrirá um novo campo, um novo objeto, que será objeto de saber, que é o tecido. O tecido é uma grande descoberta para a biologia, para a medicina. Aqui se forma a anatomia patológica, em torno do tecido e tomando-o como objeto.¹⁶

Vocês me perguntarão: qual é a relação entre os tecidos e “a massa da população administrativamente enquadrada e vigiada, mensurada segundo certas normas de vida e de saúde”? Vejam, tudo isso são relações de poder, “... analisada segundo formas de registro documental e estatístico. Eles são constituídos assim pelos grandes exércitos populares da época revolucionária e napoleônica. Eles são constituídos ainda pelas instituições de assistência hospitalar definidas no final do século XVIII e início do XIX...” etc. Notem que a cada vez Foucault procederá fazendo suas constelações de singularidades, interrogando-se sobre as relações de forças que vetorizam essas singularidades, construindo em seguida séries que são constitutivas dos saberes.

Se vocês me acompanharam compreenderam que estamos na metade da questão. Pois, o que eu acabei de mostrar? Sim, as curvas – eu posso agora dizer as curvas-enunciados, com um tracinho de união, certo? Todo enunciado é uma curva-enunciado. As curvas-enunciados atualizam relações de forças ou relações de poder entre singularidades. Atualizam, encarnam etc. Não sabemos ainda qual palavra empregar, veremos somente mais tarde. Tudo bem?

Reafirmo que fiz somente a metade de nossa tarefa. Como estamos cansados, iremos rápido agora com a segunda metade. Vocês se lembram que o saber tem duas formas irreduzíveis, produção de enunciados e produção de luz. O saber é tanto luz quanto linguagem. O saber é o entrelaçar da luz com a linguagem, e nos perguntávamos como pode acontecer o entrelaçamento dado que a forma-luz e a forma-linguagem não tem nada a ver uma com a outra e são irreduzíveis. Estávamos aqui, nesse problema

¹⁵ *Ibid.*, pp. 184-185.

¹⁶ Cf. FOUCAULT, M. *Nascimento da clínica*. *Op. cit.*, cap. 9.

cruel. Na última aula fomos conduzidos a isto: se ficamos na dimensão do saber, não se compreenderá nunca como as duas formas podem se entrelaçar. Agora vocês veem que temos a solução. Agora temos tudo. Mas, ao mesmo tempo, não posso partir sem notar que, de outra parte, é preciso que, de seu lado, as luminosidades integrem pontos singulares tomados em relações de poder, capturados em relações de forças. Em outros termos, assim como os enunciados são curvas, as visibilidades são quadros. Entretanto, há algo que me desagradava, é que Foucault emprega a palavra “quadro” – ele a emprega frequentemente – em um sentido muito mais geral, que convém tanto para as curvas quanto para as visibilidades. Não importa. Não importará se reservarmos um sentido particular ao termo “quadro”. Será preciso dizer, sim, as visibilidades integram os pontos singulares em quadros, e não em curvas-enunciados. Em quadros-visibilidades. As visibilidades são quadro. As visibilidades não são jamais coisas. Em Foucault, nós vimos na última vez, sobretudo acerca de Raymond Roussel, que a visibilidade é o rótulo da garrafa de água de Evian, é o papel timbrado do grande hotel. A visibilidade é sempre um quadro, pois ela é um ser de luz [*être de lumière*] antes de ser um ente sólido [*être solide*]. A luz, assim como o enunciado, é uma integração de singularidades, de pontos singulares. Vocês podem definir uma luz e o caminho de uma luz somente quando vai de uma singularidade a outra, ou seja, há séries luminosas do mesmo modo como há séries verbais.

Eu gostaria de comentar este ponto em detalhes, mas não é mais possível. Eu os remeto a dois tipos de texto. A famosa descrição do quadro de Velásquez, *As meninas*.¹⁷ Peço-lhes para ler da seguinte perspectiva: como se unem as linhas de luz em Velásquez e como passam na vizinhança das singularidades? Não digo que este seja o único ponto de vista, é apenas um ponto de vista possível. Vocês verão que elas são irredutíveis, múltiplas, que seguem o próprio trajeto da luz, o modo como o trajeto da luz se curva, atinge seus máximos, ou seja, como ela passa por singularidades que distribuem os reflexos, os brilhos etc. E tudo culmina na relação de forças entre duas singularidades magistrais, as duas singularidades dominantes: o pintor e seu modelo, o rei. Não digo que tudo se reduz a isso, pelo contrário, há todo um desenvolvimento de um campo pictórico extremamente variado, pleno de singularidades. Mas há dominantes dentre as singularidades. As duas dominantes são o pintor e seu modelo, o olhar do pintor que vê, sem que se veja aquilo que ele vê, e o olhar do rei, que vê sem ser visto.

¹⁷ Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. *Op. cit.*, cap. 1.

Relação entre duas singularidades, relação de forças entre o pintor e o rei. Quem é a mais forte dentre as duas? Tudo depende do ponto de vista. Em todo caso, este *tête à tête* entre pintor e rei marcará o fechamento do quadro, será a [curva] envoltória do quadro. Mas este *vis-à-vis* entre o pintor e o rei passa pela distribuição da infanta Margarida, do cachorro, do bufão etc. E temos a luz do quadro que é a integração de todas essas singularidades sob um certo modo – que é o modo de Velásquez. Vocês podem conceber outros modos. Se vocês lerem o livro de Raymond Roussel, encontrarão a grande passagem, perto da página 150. Eu a comentei na última aula, a grande passagem onde Foucault analisa as visibilidades em Roussel. O regime de visibilidades de Roussel é, evidentemente, de um tipo completamente diferente de Velásquez. Em sua descrição do rótulo da garrafa de água mineral, Roussel procede segundo uma espécie de construção local que vai de próximo em próximo, onde ele nos diz constantemente: à direita vemos isso, um pouco ao fundo vemos aquilo etc. Exatamente como uma sucessão de pequenas casas [loges] que vai constituir o encaminhamento da luz, ou seja, um regime de luz completamente diferente.

Se vocês quiserem fazer exercícios práticos sobre o tema, podem tomar alguns regimes de pintura e se perguntar em quê estes regimes de luz diferem e quais tipos de singularidades, quais relações de forças esses regimes de luz... Pois, afinal, há relações de forças entre as letras do alfabeto, exatamente como eu dizia antes. Sob este prisma podemos falar de uma política da língua; sim, já nesse nível há relações de forças entre as letras do alfabeto. Do mesmo modo, há relações de forças entre as cores... Vocês podem concebê-las como singularidades unidas por relações de forças em um campo de vetores. E, se considerarem um tratado sobre as cores, qualquer que seja, não poderão definir coisas como, por exemplo, a cor fria e a quente sem fazer as forças intervirem. Foi Kandinsky quem demonstrou de maneira definitiva¹⁸ que somente se pode fazer uma apresentação das cores em função das forças afetadas em cada cor. As forças afetadas em cada cor determinam previamente a relação entre duas cores. O quadro será a integração entre tais ou quais relações de força entre cores. É por isso que a pintura de Kandinsky é considerada erroneamente como “abstrata”.

Pois bem, eu posso dizer que temos nossa solução. Como as duas formas podem se entrelaçar? Como as duas formas do saber – o visível e o enunciável – podem se

¹⁸ Cf. KANDINSKY, V. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, *sp.* cap. 6, “A linguagem das formas e das cores”.

entrelaçar sabendo-se que não têm nada em comum? A nossa resposta era: elas podem se entrelaçar somente por meio de uma instância de uma outra dimensão. Agora a temos: esta dimensão é a distribuição das singularidades e das relações de forças entre singularidades, é o que eu chamaria de uma dimensão informal. Dimensão informal das relações de forças, em oposição à dimensão formal das relações entre formas.

Foi necessário chegar ao final para compreender o que significa “as relações de forças são informais”. Ainda temos muito a fazer, pois “as relações de forças são informais” é um mistério. Mas sobretudo percebam que, quando Foucault emprega a expressão “relações de forças”, ele nunca, de forma alguma, quer dizer “exercício de uma violência”. Então o que ele entende por isso, dado que a relação de força é informal e não consiste em violência, em destruição da forma? Será nosso objeto quando retomarmos as aulas.¹⁹

O que posso dizer para concluir é bem simples. O que há de comum, ou qual é, sem dúvida, o mais profundo ponto em comum entre Foucault e Blanchot? Eu diria que é ter estabelecido, de duas maneiras muito diferentes, um conjunto de elos íntimos entre as três noções seguintes: o neutro ou “se”, o singular e o múltiplo. O neutro ou “se” opõe-se à pessoa. O singular se opõe ao universal, o múltiplo ao um e ao mesmo. As três noções são... [interrupção]

É a forma de repartição das singularidades. Quando eu dizia que pensar é fazer um lance de dados, esse lance é sempre emitido em um “se”. “Pensa-se”. O singular não se opõe ao “se”, que é pré-pessoal, não tem nada a ver com a pessoa. Ao contrário, não seria difícil mostrar que uma singularidade já é uma relação de forças. Em outros termos, o verdadeiro sujeito é a força. É assim que Foucault se reencontra com Nietzsche. E justamente, o único contrassenso é afirmar que isso equivale a dizer que há violência por todo lado. Isto tem pouco a ver com o pensamento de Foucault, que separou claramente a relação de forças do efeito da violência. Veremos o porquê.

Por fim, o singular não se opõe ao múltiplo. Chamamos “multiplicidade” uma constelação de singularidades dentro do “se”. Uma distribuição de singularidades dentro do “se”, é precisamente isto, uma multiplicidade. Blanchot girava em torno desses três

¹⁹ A presente aula foi ministrada em 17 de dezembro. A partir da retomada do ano letivo 1985-1986 em janeiro, Deleuze abordará os outros dois eixos de sua arquitetura do pensamento de Foucault, “poder” e “subjetivação”.

termos que constituíam o seu pensamento. Creio que Foucault atribuiu-lhes relações e um status muito preciso, que não era o objetivo de Blanchot.

Temos então nossa resposta. Eu repito: o que é esta outra dimensão que é a única capaz de assegurar o entrelaçamento das duas formas irreduzíveis do saber? São as relações de força ou de poder. São eles que se encarnam no quadro-visibilidade e nas curvas-enunciados. É portanto no elemento informal da relação de força e da singularidade que as duas formas do saber podem encontrar a razão de seu entrecruzamento. Daí a necessidade de passar do saber ao poder. Não obstante saber e poder são inseparáveis um do outro, a tal ponto que Foucault falará deles como um complexo indissociável, de um sistema poder-saber [*pouvoir-savoir*]. O que lhe aconteceu para que descobrisse no final de sua vida uma terceira dimensão e por que precisava dela? Este será nosso assunto. Pronto, tenham boas férias, descansem.